

Punks de massa

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Bammersach — Direção, Roteiro e Produção: Michael Ruman e Ana Mara Abreu. Animação: Cao Hamburger. Fotografia: Marcos Romiti e Fabio Golombek. Cenografia: Ana Mara Abreu, Altman. Montagem: Lula Galvão. Coordenação Musical: Gabriel Kalili. Produção: ECA/USP e Embrafilme. Distribuição: Embrafilme. Duração: 9m. 1984.

O I Festival do Cinema Nacional de Caxambu escolheu o filme *Bammersach*, de Ana Maria Abreu e Michel Namur, como o melhor, após julgamento dos júris oficial e popular. A dupla premiação chamou atenção para fenômeno emergente no cinema brasileiro: o filme de animação. Tudo indica que os anos 80 verão, definitivamente, o amadurecimento deste gênero cinematográfico no Brasil.

Em 1982, o Festival de Cannes reconheceu o valor de Marcos Magalhães premiando *Meow*, enorme sucesso de público em nossos cinemas. No ano seguinte, o Festival de Gramado premiou *Tzuma*, *Tzuba*, de Flávio del Carlo. No final do ano passado, *Bammersach*, recém-concluído, entusiasmou Caxambu. Os primeiros anos da década dos 80 viram, ainda, o sucesso comercial de dois longas-metragens de Maurício de Souza: *A Turma da Mônica* e *A Princesa e o Robô*. Uma mostra do filme de animação, organizada pela Embrafilme, percorreu algumas das mais importantes cidades brasileiras mostrando filmes de animação de curta e média duração. Paralelamente ao XVII Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, aconteceu em outubro passado o I Festivalzinho de Brasília do Cinema Brasileiro, mostra panorâmica que exibiu curtas e longas de animação: de *Sinfonia Amazônica*, de Anélio Latini (1954), passando por *Piconzê*, de Yppe Nakashima, (1972) e diversificando-se em dezenas de curtas de

Marcos Magalhães, Stil, José Rubens Siqueira, Marcelo Tassara, Chico Liberato, e outros. O vencedor do Festivalzinho foi Stil com *Supertição*.

Apesar destes eventos e premiações animadores, a situação do filme de animação brasileiro ainda é difícil. Alguns realizadores, entusiasmados com esta linguagem, continuam insistindo. Fora Maurício de Souza, de carreira vitoriosa na indústria editorial com as histórias em quadrinhos da Turma da Mônica, os demais realizadores brasileiros trabalham com muitas dificuldades. Marcos Magalhães, depois da consagração em Cannes, e com três filmes bem-vistos em circuito comercial *Mão Mãe*, *Meow* e *Animando* (este, resultado de estágio no National Film Board, do Canadá) resolveu criar, no Rio de Janeiro, a Oficina de Cinema de Animação (Rua dos Artistas, 199 — Vila Isabel, RJ — 20511). Na Bahia, Chico e Alba Liberato trabalham com afinco. Acabam de concluir o primeiro longa de animação baiano: *O Boi Aruá*. No interior paulista, floresce o Núcleo de Animação de Campinas. É, porém, em torno da Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo (ECA-USP) que gravita hoje o maior número de jovens realizadores de filmes de animação. Flávio del Carlo, oriundo do criativo estúdio Pod'Minoga, dirigido pelo artista plástico e dramaturgo Naum Alves de Souza, tem agora como companheiros de estrada o grupo Zabumba (Hamilton Zini Jr., Ricardo Pinto e Silva, Daniel Brasil) e a Turma Bammersach (Michel Namur, Ana Maria Abreu e Cao Hamburger). Como professor da ECA-USP, desenvolve, nesta área, papel especial o cineasta e professor Marcelo Tassara. Ano passado ele lançou o magnífico *Povo da Lua*, *Povo do Sangue*, poético e panfletário filme sobre os direitos e sofrimentos do povo Yanomami, realizado com animação de fotos de Cláudia Andujar.

Monstro da noite

Bammersach, filme de estréia da dupla Ana Maria Abreu e Michel Namur) abre caminho promissor na área do cinema de animação. Se em *Animando*, Marcos Magalhães, depois de experimentar todas as ricas possibilidades do filme animado, resolvia trabalhar com o próprio corpo, animando-o de forma hilariante e apaixonada, em *Bammersach*, a opção é clara desde o início: o espectador verá um filme de animação de bonecos de massa. O ambiente é a metrópole paulista. O anoitecer nos mostrará uma cidade banhada de luzes, onde *drive-ins*, cinemas convencionais, clubes noturnos e bares recebem uma "fauna" especial. Definido o espaço físico de *Bammersach*, anunciado em verdes letras garrafais, resta apresentar os bonecos-personagens. Primeiro, vemos um mendigo estirado no chão. Depois um *hippie* com sua flauta, um *punk*, e — por que não? — uma família: os Bolinhas (papai Bolinha, mamãe Bolinha e a filha). Estes personagens

viverão cenas cotidianas na noite de uma grande cidade: antes de o *hippie* entrar em cena, um paquerador de traços latinos conquista uma moça. Ela entra no carro do conquistador, que quase atropela o *hippie*. Tudo acaba bem. De jardineira azul, camisa verde, cabelos amarelos e sapatos brancos o *hippie* perambula pelas ruas, tocando *Asa Branca*, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. Como contraponto, entra em cena o *punk*. A trilha sonora anuncia o estribilho de um sucesso *punk*: "O mundo vai acabar / O mundo vai acabar". A câmera continua apaixonada por seus personagens e pelo exuberante cenário. Este, muitas vezes, resulta confuso. Quem prestar atenção nos detalhes verá que Glauber Rocha é duplamente homenageado. Figura no cartaz do Cinema São Roque e numa placa colocada na rua. O cartaz, porém, anuncia que ali é exibido um filme de sexo explícito, intitulado "*Elas Querem, Eu Não Deixo*". Liberdade poética? Claro, se não fosse assim, como explicar a plaqueta do cinema que avisa: lotação esgotada. A bilheteira, de *bobs* na cabeça, boceja com ar de cansaço. A turma de *Bammersach* quis fazer uma ingênua e saudável homenagem ao Cinema. Nada mais justo que destacar a imagem de Glauber e sonhar com os anos 30 e 40, quando as filas nos cinemas eram constantes.

A publicidade ocupa seu espaço nobre na geografia urbana. Para lembrar tal fato, os criadores deste filme de bonecos colocam um avião rasgando os ares. Na frente, vemos um anúncio: "Fly Swamp Air". Neste momento o cenário pertence ao mundo dos bonecos, com sua magia e ingenuidade. O avião vem em sua representação ultramoderna, símbolo maior da velocidade e da civilização hiperindustrializada.

É neste contexto que surge Bammer, inicialmente uma bolinha de massa verde. Ao sair do lixo este ser, que veremos ser um mutante, transformar-se-á num dragão verde. Até encontrar o ET (é nítida a lembrança do filme de Spielberg. Além do ET, bicicleta voa pela tela, em dois momentos), Bammer manterá a forma de um grande lagarto verde. Depois, frente ao boneco-

símbolo do novo cinema americano, assumirá forma arredondada. Bammer resolve, então, barbarizar. Com voracidade especial devora o *hippie*, o *punk*, a família Bolinha. Depois resolve descomê-los. Ao saírem do interior deste monstro nascido, disforme, do lixo, os personagens sofrerão mudanças inesperadas: o *hippie* verá suas roupas no corpo do *punk* e vice-versa; o bigode do papai Bolinha vai parar na cara de mamãe Bolinha.

A história de Bammer, o monstro-da noite gerado pelo lixo, é primária. Por isto, sente-se a falta de um roteirista mais seguro e ciente das intenções do filme. A rápida passagem de Bammer pela noite da grande cidade não deixa marcas sensíveis. Aliás quando ele regressa, disforme, à lata de lixo, ficamos desapontados. Apesar do dinamismo do filme, a tentativa de sintetizar sua história em nove minutos acaba deixando a desejar. quando *Bammersach* termina, o comentário sai natural: que legal, lúdico, alegre, criativo! Depois, quando revemos o filme, numa segunda, terceira ou quarta vez, fica a constatação: faltou uma idéia mais sólida para unir estes incríveis personagens, este cenário tão rico em detalhes da geografia da grande cidade.

Sendo comum no mundo do filme de animação a retomada de personagens, resta-nos esperar que Bammer, o monstro do lixo, volte a atacar. E nesta volta, que assuma, de forma mais elaborada, o seu intento de comer e descomer figuras da noite da grande metrópole. Quem sabe, Bammer, este monstro verde, resolva interferir também na geografia urbana, às vezes tão opressiva. No mais, resta-nos esperar dos núcleos de cinema de animação brasileiros — seja o carioca de Marcos Magalhães; o campineiro de Lazaretti; o baiano de Liberato; os paulistas de Sérgio Tastaldi e da turma da ECA-USP — que continuem explorando as infinitas possibilidades desta linguagem.

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO é jornalista do *Correio Braziliense*
